

Em defesa da autenticidade cultural em ANGOLA

Que conceito temos nós de cultura em Angola? Quando se fala de cultura na nossa sociedade faz-se referência a que cultura?

Parece-me pertinente apresentar um ligeiro conspecto histórico: Durante a colonização, nós éramos vistos pelos colonizadores como povo “sem cultura”, “povo a civilizar”. Assistia-se assim um autêntico culturicídio, anulando deste modo a nossa identidade e a nossa mundivivência.. Atacam sobretudo a parte essencial da cultura: a zona dos valores.

Os valores culturais e as qualidades humanas que caracterizavam a angolano: a vida humana como bem por excelência, a solidariedade, a hospitalidade, foram substituídos por elementos da “ cultura” europeia encobrendo assim o verdadeiro rosto do angolano.

Com o surgimento do marxismo é apresentado ao povo a esperança de dias melhores. Mas muito cedo levou a cabo o seu programa oculto de cultura de massa e de silêncio, onde o povo era levado a assumir padrões culturais que eram impostos por uma elite minoritária.

Na actualidade, embora se fale muito de cultura, na verdade quando se fala da cultura faz-se referência a europeia sob capa de angolanidade ou ainda cultura igual a dança e canto. Nada se faz por reafirmar a nossa identidade cultural e os autênticos valores sufocados. Por reafirmar a identidade cultural não quer dizer absolutização da nossa em detrimento das outras, mas sim o saber conviver com outras culturas e assumir o que de bom se encontra nelas sem deixar na «poeira do esquecimento» a nossa. Estou na linha da autenticidade cultural, que no entender de **Elungo Pene Elungo**, “**a autenticidade manifesta-se por um esforço sério de se libertar da colonização mental...**”. É realmente isto que nos falta.

Importa ainda referir que o termo autenticidade tal como o pan-africanismo, negritude, consciencismo, socialismo africano, surgem como reacção e resposta aos despautérios eurocentrismos. Para Seku Touré todo o renascimento deve partir do facto de que a colonização caracterizou-se pela negação da personalidade e da autenticidade do povo colonizado. Assim a autenticidade será vista como a edificação de estruturas novas que possam responder as exigências da nossa evolução e das nossas necessidades. Isto dá-se pela reconciliação da tradição com a realidade presente em que nos encontramos imersos. O difusor do termo é Mobutu. Para este a autenticidade é o dever de pensar e de fazer por nós mesmos. É uma verídica cura de desintoxicação mental sem a qual nenhum progresso é possível. É necessário recorrer a autenticidade como um banho purificador que faz renascer cada homem e de modo particular o homem africano.

Autores há (a título de exemplo temos Henriques Abranches, na sua obra Autenticidade, Tributarismo ou Universalidade) que olhando a personalidade ditatorial do seu publicista, o verdugo Mobutu, apenas concebem o referido conceito, a autenticidade, como sendo uma ideologia, isto é, uma arma usada para melhor reinar. Usando o diadema de África, a autenticidade serve apenas os interesses do imperialismo e do ditador.

Sem nos ocuparmos da personalidade de um dos seus autores, vemos apenas o valor teórico e até pragmático deste, nem sempre feliz conceito. Se o seu publicista foi ególatra e egoísta, pelo menos a autenticidade tem o mérito de despertar, acordar os homens do continente para uma tomada de consciência. Se com a colonização caímos numa noite caliginosa, onde não se vislumbrava a aurora, onde a cultura dos povos era tida como nauseabunda, e o ocidente era o modelo da humanidade, então era preciso, é preciso despertar do sono dogmático, e a autenticidade é fania eureka da tradição, da cultura.

Os poderosos temem reafirmar a nossa cultura porque sabem que a cultura é a força vital de um povo que resiste e combate a opressão. Nesta linha **Amílcar Cabral, na sua obra P.A.i.G.G, Unidade e Luta** diz claramente que “ *a própria criação do nosso partido, que planificou, a nossa luta de libertação nacional, é um facto de cultura. É uma prova clara da resistência cultural porque nós queríamos ser nós mesmos... Diante duma situação cultural o povo é capaz de se unir*”.

Hoje mais que nunca somos chamados a empreender uma política de descolonização cultural em todos os níveis. A escola deve ser o factor primordial desta política descolonizadora, para que dela saiam homens comprometidos com a sua realidade, homens que amem e promovam a sua cultura. Como diria **Amílcar Cabral**, “*não chega produzir, Ter barriga cheia, fazer a guerra... sem sentir-se cada dia aumentar na sua cabeça os conhecimentos do meio, do mundo em geral, quer dizer sem avançar no plano cultural tudo aquilo que faz.. não dá resultado nenhum*”. A tarefa é de todos nós. Mãos a obra!

Bento Daniel Albano